

O POVOADOR IMPROVISADO... (3)

CMP 2.1.10.2.23

Continuemos dando a colher de chá ao Morgado de Mateus, publicando o que há de melhor sobre o seu papel de povoador, cuja improvisação só cuidaremos de acentuar ao final, para não entrecortar de observações os pontos a seu favor. Essa reserva não nos impede de fazermos constar, desde já, que não nos anima uma demolição gratuita do governador que, aparentemente, veio restaurar a capitania de S. Paulo, após 17 anos de subalternia à do Rio de Janeiro e da prepotência do Bobadela. Infelizmente, como se verá, o Morgado não estava à altura de tão melindroso papel. Sem contarmos que sobrelevava a tudo uma escusa política da coroa, força impeditiva a qualquer iniciativa mesmo de um espírito forte e voluntarioso, que não era do caráter do Mateus. Não estava à altura porque, durante todo o tempo de seu governo, programado para três anos e prolongado a 10, foi "triturado" entre os dois diversificados apelos: administrar e guerrear ao mesmo tempo. O que conseguiu foi, apenas, cumprir um dos objetivos salientes da subintenção pombalina: a continuação da política do Bobadela na reprodução vegetativa de paulistas para a defesa de visionários perigosos fronteiriços, sem sacrifício das gentes necessárias às minas (a sofreguidão do ganho da coroa), já agora mais obsessão que realidade, esgotados que já se iam apresentando os veios auríferos. Bem, deixemos isto também para as nossas análises finais. Importa, no entanto, gizarmos determinados detalhes, para que o leitor possa traçar uma visão panorâmica da situação, como subsídio à apreciação e julgamento das nossas afirmativas e conclusões: estávamos, então, chegando a última trintena do século 18 (a bem dizer sete lustros), quando a coroa resolveu restaurar a capitania. Uma das justificativas foi a necessidade da solução limdeira com Minas e Rio, pouco se cuidando, nesse particular, no tocante a Cuiabá, Goiás, Rio Grande e Ilha Santa Catarina — embora, logo logo, os "calos" desse lado começassem também a doer. Essa desculpa, contudo, camuflava outras intenções — e, em suma, S. Paulo continuaria marcando passo, nada lhe valendo um "povoador" para reinício de suas passadas áureas atividades. Oportunamente, veremos tudo isso com destaque, não sem salientarmos um outro ponto que tem sido descuidado por parte de autores muito mais autorizados que o somos: S. Paulo e as terras minerais.

E a par disso, as verdadeiras e justas dimensões do território que nos cabia — em contrário do que nos coube. — Precisamente porque os "povoadores" que nos mandaram fizeram de tudo, menos povoar. Aliás, esta era uma tônica do Bobadela, mola mestra de sua vitória contra D. Luis Mascarenhas, este sim, 20 anos antes, imbuído de um verdadeiro espírito povoador, frustrado por aquele solerte equilibrista na oscilante administração real. Bobadela esteve bem com D. João V, e toda a sua coorte jesuítica e — à volta-face, bem com D. José (via Pombal), na exterminação dos herdeiros de Anchieta e Nobrega. Todos esses anos prévios, compreendidos nos períodos de Gomes Freire, Mascarenhas, Sarzedas e mesmo antes, abrangem uma fase que seria de extrema importância para o desenvolvimento do "hinterland" paulista, de que Campinas fazia parte. Fosse concentrados os esforços que se fizeram por mais de século e meio — ao menos do sr. Benavides para cá, se este cuidasse mais do governo a que fora cometido e menos dos seus negócios e de sua família (o que o levaria a dar a São Paulo um pouco de atenção do muito que deu ao Rio, apesar da

problemática dos donatários, matéria que também estudaremos), S. Paulo não veria morrer na inanição a glória do Ciclo Bandeireiro, passando a vegetar como território de trânsito, temporariamente conveniente. Tais e tantos outros fatores explicam melhormente a improvisação povoadora que nos assaltava de tempos em tempos, como resultado de uma vesga administração, com boa parte de seus erros debitáveis aos governadores acomodados à obediência e à rotina — com os abusos inerentes às circunstâncias, sob riscos diversificados... Tudo isso terá o seu tempo nestas crônicas. Voltemos aos elementos que favorecem ao sr. Morgado na sua estatura de povoador. E como já observei, ficam os comentários para o fim, com apenas as chamadas numéricas em certas passagens, para maior facilidade às referências do nosso exame.

Temos, ainda, outras cartas ao Conde de Oeiras — que mais tarde seria Marquês de Pombal, como esta de n. 35, aqui reproduzidas no essencial: "Ilmo. e Exmo. Sr. — Em 7 de dezembro do ano próximo pretérito, dei conta a V. Excía. em como, se Deus nos ajudasse, intentava fazer uma ou mais Povoações nas chapadas da Vacaria (1), e em carta de 30 de março no par. 19 disse a V. Excía. como tinha aprontado um Paulista para me ir servir naquela paragem de Capitão-mor.

Depois que cheguei esta cidade, tenho contratado com o dito que chama Antonio Correa Pinto, para haver de se mudar com toda a sua família para os Campos das Lagens (2) que são os últimos desta Capitania da parte Sul, onde tem fazendas, e o persuadei a que convocasse todos os moradores (3) que pudesse adquirir não só por um bando que mandei lançar, mas também pela sua indústria, para que unidos fundassem uma Povoação, a maior que fosse possível, ou nas bordas do Rio das Pelotas ou nas margens do Rio das Canoas (4), cujos rios são caudalosos, e rápidos, e abundantes de peixe, e acomodados não só para a subsistência, e conservação dos novos moradores, mas também muito a propósito para sobre eles se fazer com pouca gente, (5) a maior defesa contra o maior ataque que possa haver em alguma invasão do inimigo (6)."

Diz a seguir que o terreno é bom para plantio etc. e acrescenta:

"além disto se seguem utilidades de acudir aos moradores daquele sertão com a administração dos Sacramentos, por estarem ali vivendo (7) muitos que se retiraram do Rio Grande de São Pedro, e outros criminosos que se refugiaram por aquelas partes..."

"Os campos da Vacaria estão vizinhos; não há neles dificuldade alguma até as Missões: Fazendo aqui Povoações e continuando-as nós chegaremos, cada vez mais, àquelas Aldeias e as tomaremos (8) pelo tempo adiante, se for possível.

Também, há tradições que ali há ouro, naquelas terras, e será mais conveniente que elas estejam povoadas por nós, do que em risco de o poderem ser pelos nossos inimigos.

Todas estas considerações me moveram a apertar (9) com o sobredito Antonio Correa Pinto para que fosse fundar esta Povoação, e finalmente o consegui..." (Doc. Int. n. 23, paginas 35 a 39).

Vejam, a seguir, a carta de n. 36, que traduz o esquema geral do Morgado nessa matéria, publicada em corrido para aproveitarmos o espaço sobranste desta crônica: "Ilmo. e Exmo. Sr. — Desejando dar providências sobre a falta que há de Povoações civis (10) nesta Capitania, tenho disposto mandar formar seis em diferentes partes que me pareceram as mais próprias, e as mais úteis pela sua situação, comodidade, e fertilidade do país, e são as seguintes:

1. — Uma, na barra que faz o rio Piracicaba, entrando no rio Tietê, dez léguas mais adiante de Araraitaguaba, última povoação em que se embarca para o Cuiabá, que para os que fazem esta viagem tenham escala mais abaixo em que possam refazer-se: escolhi para Diretor dela a Antonio Correa Barbosa.

2. — Outra no Botucatú, sobre o rio Parapanema, para tentar se se pode restaurar as muitas fazendas que se despovoaram naquele rio, depois que abandonamos a navegação dele para o Cuiabá; pretendo, juntamente, as vâgens de Vacaria de Guaicuru, de que hoje se querem fazer senhores os Castelhanos, mandando a elas cada dois anos, uma companhia para ver se os Paulistas as povoam, e é Diretor dela Simão Barbosa Franco.

3. — Outra, na paragem chamada a Faxina, sobre o caminho que vai de S. Paulo para Curitiba, adjante de Sorocaba, que é a última vila, quarenta léguas, para ver se acrescentem para, aquela parte, mais as Povoações por as não haver em toda a distância daquela Vila até a Curitiba, que é cento e tantas léguas em que só há alguns moradores dispersos; é Diretor dela Antonio Furquim Pedroso.

4. — Outra, nos Campos das Lagens, cem léguas depois de Curitiba, no caminho que vai para Viamão, para ver se se juntam os muitos moradores dispersos que há da parte de cima da Serra da costa do mar, fazendo-se fortes sobre as margens do Rio das Pelotas, para fortificar aquela passagem contra as invasões que aí podem fazer os Indios das Missões Castelhanas, cortando-nos, com muita facilidade, o passo e comunicação que possamos ter por terra, com os habitantes de Viamão; é Diretor dela Antonio Correa Pinto, que daqui partiu em agosto, com esse projeto, como a V. Excía. dei conta em carta n. 35.

5. — Outra, na Costa do mar na Enseada de Guaratuba, abaixo de Paranaguá para o Sul, dez léguas, por ser bom Porto de mar, muito farto de peixe, e excelentes terras, de que é Diretor Miguel Miranda Coutinho.

6. — Outra, no rio Sabauna entre Iguape e Cananéa, por ser bom Porto de Mar, muito farto de peixe, e boas terras, e desejar que todos os portos desta costa se povoem, e é Diretor dela Diogo Pereira Paes..." (Doc. Int. 23, pgs. 40/43)

Depois de algumas considerações sobre mapas, termina dizendo que também mandou fazer freguesia em Itapetininga, dando razões de distâncias de Apiaí e a existência de muitos escomulgados, de longa data, pela não desobriga da Quarésma. Essa carta é de 24-12-1766 e traduz um espírito que se manteve durante todo o seu governo. Por isso não precisamos mais de outras citações, o que nos leva a começarmos os nossos comentários, na próxima crônica. Ao mesmo tempo passaremos a publicar outras cartas ou trechos seus, mostrando a outra face de seu papel de povoador, de encomendado a improvisado... Ainda chegaremos ao que toca diretamente a Campinas.